

LEITURA PROFÉTICA DA HISTÓRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE IS 1,2-9

Jair Rodrigues Melo*

Resumo

O presente trabalho tem por objeto a leitura profética que Isaías fez da história a partir da visão descrita em Is 1,2-9. Busca-se compreender como o profeta interpretou a relação entre Deus e o povo na iminência da guerra siro-efraimita, recorrendo à história de Judá e denunciando a rebelião e ignorância de Israel em relação a Javé. Na primeira parte do trabalho é feita uma análise do contexto histórico do texto em questão, na segunda, a explicação das características literárias da visão e por fim, na terceira parte, uma aplicabilidade da leitura profética da história em Is 1,2-9, desvelando os significados da experiência mística a partir do texto em questão. Dessa forma evidencia-se a voz crítica do profeta ao denunciar a iniquidade e sua relação com as mazelas sociais experienciadas pelo povo.

Palavras-chaves: Profetismo. Leitura profética. Interpretação. Aliança. Mística.

Abstract

This work aims at the prophetic reading Isaiah made about history from the vision described in Isaiah 1.2 to 9. We seek to understand how the prophet interpreted the relationship between God and the people on the verge of the Syro-Ephraimite war, drawing on history of Judah and Israel and denouncing the rebellion and ignorance of Israel in relation to Yahweh. In the first part of the work is an analysis of the historical context of the text mentioned, the second, the explanation of the literary characteristics of vision and finally, in the third part, an applicability of the prophetic reading of history in Is 1.2 to 9, revealing the meanings of mys-

* Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicadas Dr. Leão Sampaio.

tical experience from the text in question. Thus, the prophet's the critical voice when denouncing the iniquity and its relationship to social problems experienced by the people is highlighted.

Keywords: *Prophecy. Prophetic reading. Interpretation. Alliance. Mystic.*

Introdução

A leitura que os profetas de Israel faziam sobre o passado representava uma voz crítica diante das infidelidades do povo à Aliança. Em muitas situações, as histórias ditas “oficiais” ofuscavam as reais condições que comprometiam a igualdade, a justiça e a liberdade. A leitura profética da história denunciava ferrenhamente a corrupção das pessoas e instigava à mudança de vida. O profeta denunciava o pecado e anunciava a salvação.

Em Is 1,2-9, o discurso profético mais uma vez assume essa tônica, denunciando as ações da “nação pecadora” e do “povo cheio de iniquidade”, fundamentadas em duas premissas básicas: Israel rebelou-se contra Deus e é incapaz de conhecê-lo.

O presente trabalho busca compreender de que maneira o profeta Isaías lê o passado de Israel e vê aí uma possibilidade de enfatizar a identificação das faltas do povo e chamá-lo à conversão.

O trabalho está dividido em três partes: na primeira será feita uma análise do contexto do texto que será abordado; na segunda serão apresentadas características literárias, e na terceira a leitura profética da história em Isaías a partir do texto selecionado.

1. Contexto histórico do Proto-Isaías

A vida do profeta Isaías pode ser situada entre os anos 765 aC a 700 aC. Ele começou o seu ministério profético um pouco antes da morte do rei Ozias (781-740 aC) e se estendeu até a época de Ezequias, por volta do ano 700 aC. De acordo com Konings (2011, p. 58), Isaías era profundamente crítico à ideologia política dominante em sua época. Esta estava centrada em pactos estrangeiros que fortaleciam o monarca e possibilitavam uma maior segurança ao governo. Atuou junto à corte de Judá no contexto da guerra siro-efraimita, no tempo do governo de Acaz (736-716 aC). Diante da política intervencionista estrangeira, propunha uma confiança absoluta em Javé.

Os conteúdos da pregação do profeta refletem uma mentalidade urbana, sobretudo, de alguém que conhece bem a vida sociopolítica em Jerusalém e as atividades religiosas no Templo. A sua preocupação central estava, provavelmente, na corrupção moral em que o povo de Judá se encontrava, a qual o profeta relaciona com o mau uso da prosperidade (Is 1–5).

1.1 A guerra siro-efraimita

No reinado de Acáz, em Judá, o profeta Isaías interveio num conflito internacional ocorrido entre Israel, Damasco e a Assíria. Faceias, rei de Israel, uniu-se a Rasin, rei de Damasco, para combater os assírios, e exigiram o engajamento militar de Acáz, rei de Judá. Em decorrência da não adesão desse último na coligação militar contra a Assíria, Judá foi invadido por Faceias. Esse conflito ficou conhecido como “Guerra Siro-Efraimita”, ocorrida em 735 aC. Isaías havia proposto ao rei neutralidade e confiança absoluta em Iahweh. Dever-se-ia crer que o Senhor defenderia Judá e o livraria das mãos do inimigo (Is 7,3-9). Acáz preferiu alinhar-se a Teglat-Falasar, rei da Assíria (745-727 aC). Apesar de receber o socorro da Assíria na defesa contra a união siro-efraimita, Judá acabou se tornando um vassalo do Império Assírio (Is 8,5-10; 2Rs 16,7-9.17-18). Após essa guerra, Israel foi invadido, inicialmente em 734 aC e em 721 aC foi dado o golpe final na Samaria.

1.2 Cerco de Jerusalém pelos Assírios

Sob o comando do rei Senaquerib, da Assíria (704-681 aC), ocorreu o cerco de Jerusalém, em 701 aC. Nesse ano, o rei assolou toda a Palestina, mas o rei de Judá, Ezequias, quis defender Jerusalém. As insolências do copeiro-mor de Senaquerib, que desafiava o Senhor para salvar a cidade, instigaram Isaías a profetizar contra a falta de confiança no Senhor, vista por ele como a atitude mais necessária do povo. De acordo com o texto bíblico, o copeiro-mor afirmava que o Senhor seria um ídolo a mais, que não conseguiria salvar Jerusalém como os outros deuses não conseguiram salvar do jugo assírio regiões como o Egito e outras cidades-estados (2Rs 18,33-35; 19,10-13).

A repentina retirada do exército assírio foi interpretada como uma intervenção de Deus (2Rs 19,35; Is 37,33-39). Isaías, por sua vez, condenou a atitude das pessoas que, com a euforia provocada pela retirada do inimigo, não reconheciam nisso um claro apelo do Senhor para a conversão.

Essas intervenções de Isaías nos assuntos de seu país, sua postura profética, o brilho de seu estilo, e suas ações simbólicas tão densas fizeram ecoar sua mensagem ao ponto das mesmas não se esgotarem no seu tempo.

2. Análise literária de Is 1,2-9

O texto em questão: Is 1,2-9

²Ouvi, ó céus, presta atenção, ó terra, porque Iahweh está falando: Criei filhos e os fiz crescer, mas eles se rebelaram contra mim. ³O boi conhece o seu dono e o jumento, a manjedoura do seu senhor, mas Israel é incapaz de

conhecer, meu povo não é capaz de entender. ⁴Ai da nação pecadora! Do povo cheio de iniquidade! Da raça dos malfeitores, dos filhos pervertidos! Eles abandonaram a Iahweh, desprezaram o Santo de Israel, e afastaram-se dele. ⁵Onde podereis ser feridos ainda, vós que perseverais na rebelião? Com efeito, toda a cabeça está contaminada pela doença, todo o coração está enfermo; ⁶desde a planta dos pés até a cabeça, não há lugar são. Tudo são contusões, machucaduras e chagas vivas, que não foram espremidas, não foram atadas nem cuidadas com óleo. ⁷Vossa terra está desolada e vossas cidades estão incendiadas, vosso solo é devorado por estrangeiros sob os vossos olhos, é a desolação como devastação de estrangeiros. ⁸A filha de Sião foi deixada só como choça em vinha, como telheiro em pepinal, como cidade sitiada. ⁹Não tivesse Iahweh dos Exércitos nos deixado alguns sobreviventes, estaríamos como Sodoma, seríamos semelhantes a Gomorra.

2.1 O livro de Isaías

A partir da exegese crítica do final do século XVIII, o livro de Isaías foi visto, ainda de forma mais enfática, como uma obra com três seções bastante distintas, a saber: os capítulos 1–39; 40–55 e 56–66. Cada seção possui autores próprios e de épocas distintas. De acordo com Abrego de Lacy (1998, p. 99-100), essa divisão está fundamentada em três razões, propostas pela chamada “escola crítica”: as razões de índole histórica são fundamentadas no fato de que não há menção, a partir de Is 40, a acontecimentos ou pessoas do século VIII aC, mas personagens e eventos do século VI aC e, a partir de Is 56, os assuntos apresentados refletem as comunidades que retornaram a Jerusalém e estiveram empenhadas na reconstrução da capital. As razões literárias evidenciam estilos bastante diferentes na linguagem das três seções. No Proto-Isaías (1–39) há um “estilo solene, comedido, conciso, amante da sonoridade agradam-lhe as imagens grandiosas (Is 1,2; 2,2) e a enumeração detalhada (Is 3,16-24)” (ABREGO DE LACY, 1998, p. 100). As demais seções são distintas também. Na segunda (40–55), o estilo é mais retórico, poético, ardente e apaixonado e na terceira (56–66), o estilo poético tem bem menos relevância.

2.2 Análise do texto

A perícopes em questão está situada na primeira parte do livro de Isaías (Is 1–39) e faz parte de uma unidade literária situada em Is 1,1–5,30, que se constitui de oráculos contextualizados pela iminente Guerra Siro-Efraimita. Nesse conjunto de oráculos, são enfatizados temas que condenam a ingratidão do povo contra Deus (Is 1,1-9), a hipocrisia diante do oferecimento de sacrifícios acompanhados de desatenção aos pobres (Is 2,10-20), bem como ameaças a partir da ira de Iahweh provocada pela iniquidade das pessoas (Is 5,8-24).

Em Is 1,1 é apresentado o contexto, em prosa, no qual aconteceram as visões do profeta Isaías, narradas em poemas na unidade Is 1,2–5,30. Nesse versículo apresenta-se Isaías como filho de Amós. O profeta teve as visões, que serão narradas, nos tempos de Ozias, Joatão, Acáz e Ezequias, reis de Judá. Os conteúdos das visões referem-se a Jerusalém e Judá, sendo a primeira expressa em Is 1,2-9. Provavelmente este poema remonta ao cerco de Jerusalém nos tempos de Senaquerib, em 701, ou até mesmo a Guerra Siro-efraimita em 735 aC.

Esta visão, narrada em poema, inicia com verbo *šm* ‘, no hebraico, que quer dizer: “Ouvir”. O profeta Isaías invoca os céus e a terra como testemunhas contra Israel: “Ouvi, ó céus, presta atenção, ó terra, porque Iahweh está falando” (Is 1,2).

Dois problemas fundamentais, que são objeto de crítica pelo profeta, são tratados no texto: o fato de Israel se rebelar contra Iahweh e ser incapaz de conhecê-lo e compreendê-lo. Observa-se que tais atitudes são expressas no texto como um paradoxo, em decorrência do fato de que Iahweh e Israel são descritos a partir de uma relação de intimidade familiar: “criei filhos e os fiz crescer” (Is 1,2b).

De acordo com Abrego de Lacy (1998, p. 112), dos versículos 4 ao 9 os argumentos são enquadrados em um esquema teológico próprio: pecado-castigo-conversão. No versículo 4, as denominações “nação”, “povo”, “raça” e “filho” obedecem a uma ordem crescente de intimidade, porém, os qualificativos da maldade (pecadores, cheios de culpa, malvados e degenerados) são apresentados em ordem crescente.

A corrupção de Israel passou a ter consequências externas, no corpo (v. 5-6), por exemplo, cabeça contaminada pela doença, coração completamente enfermo, contusões, machucaduras e chagas vivas. Em suas terras, cidades e campos (Is 1,7): “Vossa terra está desolada e vossas cidades estão incendiadas, vosso solo é devorado por estrangeiros sob os vossos olhos, é a desolação como devastação de estrangeiros”.

Em Sião, a exteriorização da devastação tem o seu cume, aqui se vê a personificação da cidade de Jerusalém: “a filha de Sião foi deixada só como choça em vinha” (v. 8). No final do texto o castigo de Sodoma e Gomorra é evocado para lembrar que os poucos sobreviventes restantes na cidade foram poupados por Iahweh, mas seriam semelhantes a essas duas cidades (v. 9).

3. A leitura profética da história em Is 1,2-9

De acordo com Croatto (2010), os profetas são os censores da epifania do Sagrado. Suas pregações são carregadas de conteúdos que não lhe são próprios, mas falam em nome de Deus. A própria palavra profeta (em grego *prophetes* e em hebraico *nabi*) significa isto, “falar em vez de”, “ser porta-voz de”. Em Israel, uma das características fundamentais do profetismo consiste em olhar para o passado, reinterpretar a história, denunciar o pecado e anunciar a salvação.

A leitura profética da história consiste em “ler os fatos com os olhos de Deus e denunciar interpretações, oficiais ou não, que usam o nome de Deus para defender interesses contrários à Aliança e ao projeto de Deus” (VALLE et al. 1994, p. 84).

Partindo-se do princípio de que toda memória é seletiva (RICOEUR, 2007), ao narrar o passado de pessoas ou grupos, por exemplo, existem elementos que as pessoas preferem ignorar ou esquecer porque podem incomodar ou acusar. Na história da América Latina são inúmeros os exemplos que corroboram essa afirmação. A título de ilustração, pode-se citar, no Brasil, a omissão na “História Oficial” de lideranças como Zumbi e o massacre dos movimentos quilombolas, mas se apresentam os bandeirantes como heróis da civilização.

No profetismo bíblico, a história de Israel não é vista pelo prisma “oficial”, mas é uma leitura feita a partir dos que são considerados “pequenos”, ao ponto de serem invisibilizados, vítimas de um sistema sociocultural e econômico opressor e marginalizante. Um dos fatos que acusavam e incomodavam o rei, por exemplo, era o “êxodo”, a partir do qual se falava em libertação, justiça e igualdade. Por esta razão muitos profetas insistiam na reverberação de seus verdadeiros significados (VALLE et al. 1994, p. 84).

Por este viés, a relação entre Deus e o povo foi objeto de análise por parte dos profetas de Israel e, por diversas vezes, os mesmos denunciavam os comportamentos inadequados de Israel para com seu Deus. Também nesse sentido pode ser interpretada a visão de Is 1,2-9.

Havia uma linha oficial de interpretação da segurança de Judá. Esta fundamenta-se na ideia de que o povo tinha pelo menos três refúgios seguros, que os garantia toda segurança contra os outros povos: a cidade de Jerusalém, vista como a cidade de Iahweh, o templo, como a casa de Deus e a dinastia davídica, a partir da qual viria o messias (KONINGS, 2011). Essas interpretações faziam com que o povo de Judá ignorasse os compromissos éticos da Aliança.

O contraponto a esta perspectiva estava nas pregações de profetas como Isaías. Em Is 1,2-9, o profeta buscou denunciar os problemas vividos por Judá, enraizados na rebeldia do povo contra Deus e na falta de conhecimento daquele que os criou como filhos e os fez crescer. Sinais externos no corpo, como as doenças descritas no texto, bem como a precariedade da terra e das cidades são evidências de uma nação pecadora e de um povo cheio de iniquidade.

A experiência do cerco de Senaquerib (701 aC) e da Guerra siro-efraimita (735 aC) não poderia esconder as ações dos “malfeitores e dos filhos perversos” de Judá. Mesmo que somente o Reino do Norte tendo sido destruído, no século VIII aC, Judá não poderia esquecer que sua conduta não justificava a permanência em sua terra, mas que, ao contrário, sua iniquidade era a base de suas feridas sociais.

3.1 *A experiência mística a partir do discurso do profeta*

De acordo com Beto e Boff (2005, p. 33) a mística é o adjetivo de mistério. Essas duas realidades são indissociáveis, de forma que só se compreende bem uma quando se tem conhecimento da outra. A mística, para eles, não é um privilégio de alguns bem-aventurados, mas uma dimensão humana à qual todos podem ter acesso, na medida em que mergulham profundamente em si mesmos. Nesse sentido, assim afirma:

Os que experimentam o mistério são os místicos. A experiência do mistério não se dá apenas no êxtase, mas também cotidianamente na experiência de respeito diante da realidade e da vida. Quem não se extasia diante de uma criança que nasce? Quem não se enche de profundo respeito frente a um rosto sofrido e curtido de um indígena do altiplano da Bolívia? Quem não emudece diante dos pés grossos e calosos do camponês nordestino que trabalha no sertão árido, de sol a sol? Existe aí uma sacralidade que se impõe por ela mesma (BETO e BOFF, 2005, p. 39).

Para Beto e Boff (2005, p. 36) o mistério não é o limite da razão. Pertence ao mistério ser conhecido, mas nunca se esgota, de forma que sempre dele se tiram coisas novas. Além disso, a experiência mística não visa o desvelamento total do mistério, não só pela impossibilidade natural disso, mas, sobretudo, pela insuficiência da linguagem humana; o mistério também pede o silêncio (VANNINI, 2005, p. 13).

A partir dos aspectos apresentados acima, pode-se lançar, sobre a perícopa em questão, um olhar centrado no significado da experiência mística a partir do discurso do profeta aos membros do reino de Judá. Isaías na qualidade de profeta poderia ser visto como um censor da epifania do Sagrado, que foi capaz de perceber no cotidiano das pessoas e, sobretudo, em sua relação com Deus, um bloqueio na contemplação do mistério do Sagrado, na medida em que não conheciam mais seu Deus. Não tinham mais a intimidade de outrora e por isso fechavam-se ao mistério. Não conhecer a Deus aqui implica também na não identificação de seus sinais na história. A leitura profética que Isaías faz da história lembrava ao povo que somente inseridos na experiência mística era possível compreender corretamente as raízes fundamentais do sofrimento humano e buscar combatê-lo. Por isso o profeta denuncia: "... Eles abandonaram a Iahweh, desprezaram o Santo de Israel e afastaram-se dele" (Is 1,4b).

O discurso de Isaías chama o povo a ter uma experiência com Deus que leve em consideração sua ação na história e que seja pautada na intimidade de quem lhe é familiar. Uma experiência mística que se traduz numa tomada de atitude frente aos problemas que a sociedade enfrentava. Não basta ser membro da comunidade. É necessário fazer a experiência com o mistério do Sagrado, que os leva a reconhecer a ação de Deus na história e mudar o curso da mesma a partir da sua vontade.

Conclusão

Em Is 1,2-9 é possível perceber como o profeta fez uma leitura do passado de Israel, levando em consideração a relação do povo com Deus. Denunciava a maldade e iniquidade das pessoas que se rebelaram contra Iahweh e não o conheceram, criticando a indiferença com a qual o tratavam. Ao mesmo tempo em que o discurso do profeta se vale do passado faz um apelo premente à conversão, denunciando as causas das mazelas sociais e das condições que oprimem o povo. Nessa direção percebe-se que o profeta é crítico sobre o distanciamento do povo em relação à experiência mística com Javé. O povo não reconhece a Javé porque não percebe seus sinais na história.

Jair Rodrigues Melo
Av. Pe. Cícero n. 3921. Apto. 502
Juazeiro do Norte – São José, CE
CEP 63024-010
fmpadrecicero@hotmail.com

Bibliografia

- ABREGO DE LACY, J.M. *Os livros proféticos*, vol. 4. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, rev. São Paulo: Paulus, 2002.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Garmond, 2005.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem, sua leitura*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- VANNINI, Marco. *Introdução à mística*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- VV.AA. *A Leitura profética da história*. Rio de Janeiro: CRB; São Paulo: Loyola, 1994. (Col. Tua Palavra é Vida, 3).